



CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE CIDADE A PARTIR DA TEMÁTICA DA ACESSIBILIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Marielly de Sousa Miranda

mariellymiranda@outlook.com¹

Resumo

Este trabalho realiza uma reflexão referente à importância do ensino de cidade no ensino de Geografia, e propõe um caminho para tal: partindo da ideia de acessibilidade aos espaços da cidade. Para isso, realiza uma construção teórica sobre aspectos importantes em uma primeira reflexão sobre a proposta. Em um segundo momento, apresenta uma breve descrição da atividade de intervenção realizada pela autora durante a disciplina de Estágio, no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Goiás, no qual o objetivo foi trabalhar pedagogicamente o pensamento teórico-conceitual sobre cidade e acessibilidade no educando, voltada à formação para sua vida cotidiana. Por fim, defende que o ensino de cidade na disciplina de geografia carrega o poder de tornar a visão sobre o conceito e os processos cotidianos mais crítica, resultando na construção da noção de que todos têm o direito à cidade.

Palavras-chave: Cidadania, Educação, Projeto de intervenção.

Introdução

Atualmente, a habilidade de decorar informações geográficas não aparece mais como centralidade na Geografia escolar. O primordial passou a ser a aprendizagem e compreensão dos processos, das dinâmicas e das possibilidades de intervenção nas diversas escalas espaciais, como afirmam Santos e Moro (2007). Assim, ao entender que os alunos vivem e representam o espaço geográfico de diferentes maneiras, em diferentes escalas e lugares, mas nem sempre têm consciência das estruturas espaciais, seus condicionantes e de suas contradições, o Ensino de Geografia tem como papel principal potencializar o exercício de pensamentos críticos frente a realidade cotidiana, e assim atuar como instrumento de transformação de leitura e compreensão de mundo, como indica Costella (2014).

Ainda sobre o papel da Geografia escolar, Cassol indica que ela deve servir para “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, transformando

Esse trabalho é produto de uma atividade de intervenção desenvolvida no âmbito da disciplina de estágio supervisionado em Geografia da Universidade Federal de Goiás. A autora, juntamente com a discente Annaclara Toledo Avelar, receberam orientação da professora doutora Lana de Souza Cavalcanti para a aprovação da atividade.

indivíduos tutelados em pessoas em pleno exercício da cidadania” (2005, p. 93). Desta forma, o autor evidencia a importância da instituição escolar no desenvolvimento social e cognitivo do aluno, preparando-o para exercer seu papel de cidadão na sociedade. Da mesma forma Cavalcanti (2002) afirma que “Educar, pela Geografia, pode ser um caminho profícuo para qualificar as ações cidadãs no enfrentamento da injustiça social materializada nessas diferentes formas de produção da vida urbana” (CAVALCANTI, 2002, p. 26). Deste modo, se chega à compreensão de que a Geografia escolar deve servir para formar cidadãos.

Essa discussão oferece subsídios para a realização de propostas que tenham como base trabalhar o ensino de Cidade. Pois ele proporciona, não só condições ao discente de se situar no espaço em que vive, mas também a capacidade de melhor compreensão das dinâmicas existentes naquele local, e assim de se enxergar como agente de transformação espacial.

Porém, entende-se que existem diferentes perspectivas de entender e ensinar a Cidade na Geografia. Um dos caminhos ou meios para se realizar o ensino de Cidade é partindo da Acessibilidade. Desta forma, há grandes possibilidades de tomada de consciência das injustiças sociais e as relações desiguais que se instalam nas cidades, que afetam o deslocamento, o transporte dos sujeitos e o acesso aos espaços. Esse caminho também possibilita a mobilização da sensibilidade dos alunos, proporcionando uma formação mais ética, tornando-os cidadãos conscientes, participativos e multiplicadores de ações solidárias sobre acessibilidade urbana em suas cidades.

Pensando nisso, foi realizado um projeto de intervenção, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia III, do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Goiás, no qual o objetivo foi trabalhar pedagogicamente o pensamento teórico-conceitual sobre cidade e acessibilidade nos educandos, voltada à formação para sua vida cotidiana. Essa intervenção partiu da preocupação de como trabalhar o conceito de cidade de maneira significativa, visando contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes.

Desta maneira, esse trabalho se propõe a realizar uma reflexão referente à importância do ensino de cidade no ensino de Geografia, e apresenta um caminho para tal: partindo da ideia de acessibilidade aos espaços da cidade. Para isso, realiza uma construção teórica sobre



aspectos importantes para uma primeira reflexão sobre a proposta. E por fim, apresenta uma breve descrição da atividade de intervenção realizada pela autora.

O Ensino de Cidade

As cidades, sejam grandes ou pequenas, se consolidaram ao longo do tempo como espaços que abrigam um modo de vida, reunindo pessoas que vivem coletivamente, dedicando-se a indústria ao comércio, à administração da vida dos grupos sociais, a arte, entre outros. O Estatuto da Cidade (2001) vai de encontro a essa ideia quando ao afirmar que a cidade é fruto do trabalho coletivo de uma sociedade, nela está materializada a história de um povo. Sua necessidade se inter-relacionar para a conquista de um bem-estar comum.

A cidade também é a dimensão mais próxima aos educandos, nela materializam-se fenômenos espaciais que fazem parte de sua vida cotidiana. Desta forma, o ensino de cidade pode ser um importante eixo temático para trabalhar conceitos e categorias da Geografia. Callai (2006) destaca a importância de conhecer a cidade e o bairro no ensino de Geografia, reconhecendo esses espaços como uma das mais complexas formas de interação humana, resultado de um constante processo de urbanização, que exige regras de convívio e que se manifestam na infraestrutura urbana e nas redes em que cada cidade participa. A autora ainda considera que uma boa forma de estudar a cidade é partir da leitura que cada um tem desse espaço.

É válido ainda, destacar sua característica de lugar específico e ao mesmo tempo reflexo de uma totalidade. Assim, trabalhar a cidade no ensino de Geografia pode proporcionar aos discentes a percepção de que a cidade faz parte de sua realidade concreta, e não de realidades distantes e desconexas. Ela é a materialização dos modos de vida, e ao mesmo tempo, é o espaço simbólico.

Dessa forma, seu ensino permite o desenvolvimento cognitivo e a formação de habilidades necessárias na realidade cotidiana do discente. O permite conhecer os aspectos e demandas globais que atravessam constantemente a realidade cotidiana das cidades, e por fim, permite o próprio reconhecimento enquanto agente de transformação da realidade imposta. Por

isso, seus padrões devem ser trabalhados de maneira a realizar as construções e desconstruções necessárias para que o ensino cumpra seu objetivo social de formar cidadãos conscientes.

A acessibilidade aos espaços

As referências espaciais adquiridas dependem da variável deslocamento, que por sua vez, depende de oportunidades disponíveis para tal. Sabe-se que o direito de ir e vir é assegurado a todos pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), porém as condições para o desfrute desse direito, no âmbito nas cidades, não são as melhores. Nesse sentido, defende-se que pensar a cidade a partir da acessibilidade e das diversas barreiras espaciais existentes, sejam elas físicas ou atitudinais, pode contribuir para a formação cidadã dos educandos.

Nesse contexto, a primeira noção importante para se trabalhar é a desconstrução da ideia de que uma cidade acessível serve apenas às pessoas com deficiência. A acessibilidade precisa ser entendida como um conjunto de medidas técnicas e sociais que tem o intuito de atender a todas as pessoas que utilizam os espaços (Duarte; Cohen, 2004). Dessa forma, a acessibilidade é um direito a ser pensado por todos e para todos.

Assim, é importante refletir sobre em que medida o desfrute ou não desse direito exerce influência na cidade e na consciência que os sujeitos têm a respeito de sua atuação cotidiana, bem como da dinâmica de produção desse espaço. Essa reflexão leva à compreensão de um aspecto primordial: do direito a própria cidade. Nesse sentido, pode-se entender que quando as devidas condições de acessibilidade são dadas aos sujeitos, eles passam a desfrutar de seu direito pleno à cidade. Esse direito “é muito mais do que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade” (HARVEY, 2013, p.28).

Descrição da atividade de intervenção pedagógica

A atividade de intervenção descrita nesse neste tópico, foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia III, do curso de licenciatura em Geografia



do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. A autora, em conjunto com a discente Annaclara Toledo Avelar, contaram com a orientação da professora doutora Lana de Souza Cavalcanti para organizar a atividade, que teve como objetivo geral trabalhar pedagogicamente o pensamento teórico-conceitual sobre cidade e acessibilidade, voltada à formação do educando para a vida cotidiana.

Também foram pensados objetivos complementares, que se mostraram bons caminhos para alcançar o objetivo central da proposta. Foram eles: identificar, junto aos educandos, as diferentes barreiras para a acessibilidade na cidade, causadores de segregação socioespacial em sua experiência específica nos espaços da cidade; construir, junto aos educandos, um mapa mental do entorno da escola, onde serão destacados os pontos que mais chamaram a atenção em termos de acessibilidade; e por fim, contribuir para a construção individual do aluno a respeito do conceito de cidade partindo do entendimento sobre acessibilidade.

Com base nisso, optou-se por realizar a atividade em turmas do ensino fundamental II, pois corrobora-se com as expectativas indicadas pela Base Nacional Comum Curricular. Segundo o documento, ao chegarem aos anos finais do ensino fundamental, “espera-se que os alunos compreendam os processos que resultaram na desigualdade social, assumindo a responsabilidade de transformação da atual realidade, fundamentando suas ações em princípios democráticos, solidários e de justiça” (BRASIL, 2016, p. 362). Além disso, o documento também diz respeito da importância dos conteúdos geográficos nessa etapa da formação. Segundo ele “o conteúdo da Geografia no ensino fundamental é a base da Ciência Geográfica necessária à formação de todo e qualquer cidadão, e não somente do geógrafo ou especialista em Geografia” (CAVALCANTI, 1991, p.91).

Após essas definições, a elaboração do planejamento e contato com a escola, foi realizada a concretização de fato da atividade, que foi desenvolvida em uma turma de sexto ano de uma escola da rede particular de Goiânia, durante quatro aulas. Ela obedeceu a sequência didática ilustrada na tabela 1, que teve como base as orientações de CAVALCANTI (2013) sobre a importância de uma sequência didática onde haja uma problematização que desperte o interesse e a curiosidade dos educandos, uma sistematização e por fim, uma síntese do que foi trabalhado.

TABELA 1: SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4
problematização	sistematização	sistematização	síntese
Tempestade cerebral Levantamento de questões Observação do entorno da escola	Diálogo tendo como base o mapa conceitual elaborado a partir da tempestade cerebral	Análise do entorno da escola Construção de um mapa do entorno da escola	Carta aberta

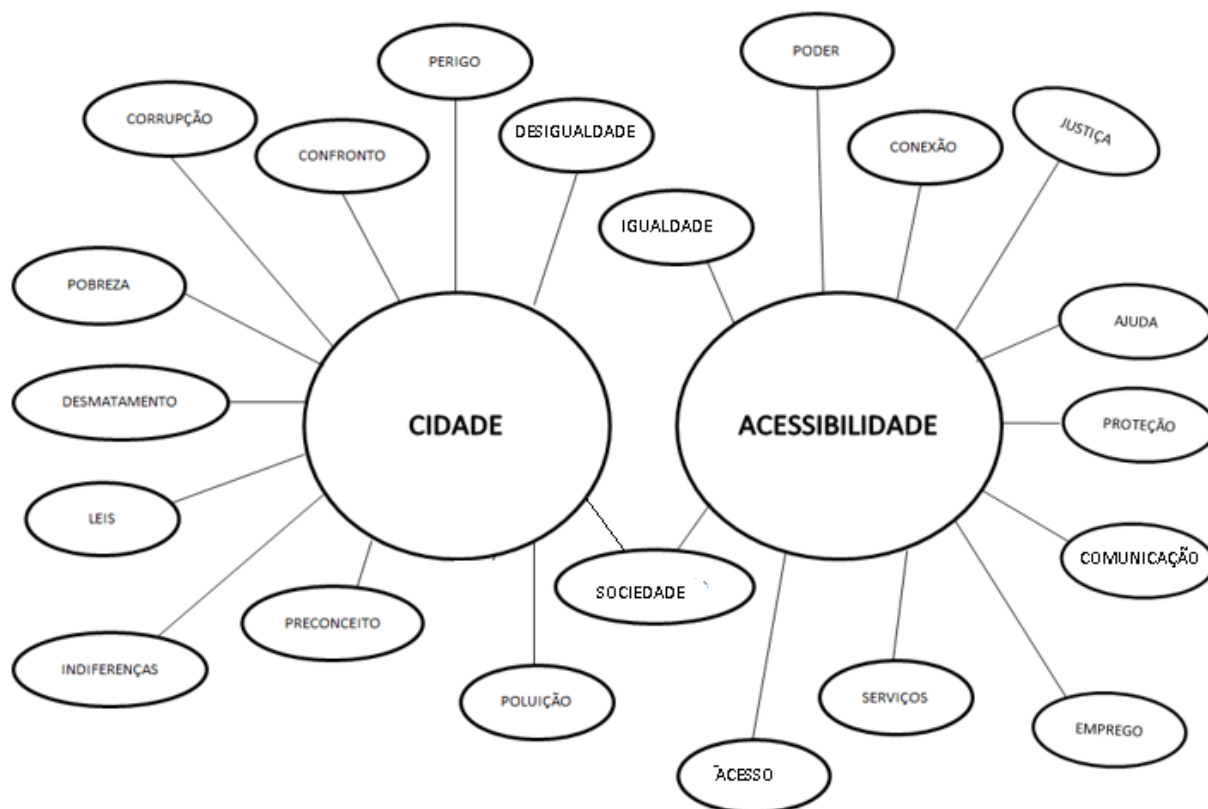
Elaborado pela autora.

Como pôde ser visto na tabela anterior, o primeiro momento da atividade de intervenção buscou problematizar o assunto tendo como base os conhecimentos prévios dos educandos por meio de uma tempestade cerebral, que consiste em “uma possibilidade de estimular a geração de novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação” (ANASTASIOU, 2004, p. 88). Após esse momento, os educandos assistiram a um vídeo que retratava a acessibilidade na cidade de Berlim, onde idosos, crianças, mães portando carrinhos de bebê, pessoas com deficiência, entre outros, circulam pela cidade sem enfrentar barreiras. E então, os educandos foram orientados a pensar a cidade em que vivem tendo como ponto de partida as seguintes questões: A cidade de Goiânia é para todos? Como os indivíduos da cidade se apropriam de seu espaço?

Para auxiliar nessa reflexão, os discentes foram convidados a realizar uma observação do entorno da escola, em seu caminho de volta para casa, tendo como objetivo analisar o recorte espacial do entorno da escola e identificar se esse entorno contém barreiras de acesso. Para a realização desta atividade os discentes receberam mapas mudos do entorno da escola e foram orientados a espacializar no mapa os pontos que julgarem positivos e negativos com relação à acessibilidade, em seu caminho de volta para casa.

A aula seguinte foi planejada tendo como base os termos apresentados pelos discentes na atividade de tempestades cerebral, desenvolvida na aula anterior. O objetivo foi mostrar que cada um dos discentes tinha condições de contribuir de forma significativa na construção do conhecimento, mas que é preciso trazer referências de conteúdos geográficos para se pensar de forma mais crítica o espaço geográfico da cidade. A figura 1 mostra os termos que foram destacados pelos discentes e utilizados no planejamento do momento em questão.

FIGURA 1 - MAPA CONCEITUAL PRODUZIDO A PARTIR DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS



Elaborado pela autora.

Na análise desses termos, um aspecto chama a atenção. O termo Sociedade é comum aos dois conceitos, visto que, para eles a sociedade faz parte da cidade, construindo-a e transformando-a, e essa mesma necessita da acessibilidade para participar ativamente das dinâmicas da cidade. Porém, para eles a cidade é o lugar da desigualdade, que contrapõe a ideia de igualdade, destacada como um dos atributos da acessibilidade.

Os termos destacados pelos discentes quando se referem à cidade, também chamam atenção. Aparecem os termos: perigo; confronto; corrupção; pobreza; indiferença; desigualdade. Esses termos sugerem a ideia de medo e uma visão desesperançosa da cidade. Essas palavras falam muito sobre o cotidiano desses alunos, e como eles percebem a cidade que ocupam.

Para finalizar a etapa de sistematização, os discentes construíram um mapa do entorno da escola em uma folha panamá, e utilizaram símbolos de positivo e negativo para indicar os pontos acessíveis ou não. Cada discente teve a chance de indicar pontos e explicar para os outros colegas o porquê dessa escolha. Nessa oportunidade, os alunos tiveram a possibilidade de reconhecer o espaço a sua volta, e em alguns momentos, chegaram a localizar suas residências e espaços de lazer que frequentam em seu cotidiano.

Um ponto muito notado pelos discentes foi um cruzamento movimentado que não possui sinalização adequada e gera muitos acidentes. Segundo eles, esse é um ponto que impede a acessibilidade plena, pois impede a livre circulação de veículos e pedestres com segurança. Uma das discentes realiza o seguinte relato: “se a cidade é um direito de todos, e acessibilidade faz parte, no momento em que esse direito se dá pela locomoção a sinalização é algo muito importante”. Outro aspecto que chamou a atenção nessa etapa da atividade foi que, embora o recorte espacial tenha se limitado ao entorno da escola, os alunos mostraram em seus comentários diversas comparações com outros pontos da cidade de Goiânia.

No momento da síntese, os discentes foram orientados a construir uma carta aberta à sociedade, alertando sobre questões relacionadas à acessibilidade. Em geral, as cartas dos alunos dão ênfase ao direito que todos têm ao uso da cidade, bem como a importância de pensar no próximo e notar as dificuldades enfrentadas por eles. As cartas destacaram o caráter abrangente da acessibilidade, mostrando que as barreiras não se encontram apenas na dimensão física do espaço, mas também nas atitudes das pessoas e que essas atitudes podem melhorar o convívio nas cidades.

Considerações finais

Notou-se a importância da participação dos discentes durante a aula, da valorização de seus relatos de experiências e de seus conhecimentos prévios. Isso torna a aula mais dinâmica e chamativa para eles. Outro aspecto de grande importância está presente nos momentos de escrita individual. Nesses momentos eles precisam mobilizar diversas operações do pensamento para realizar uma síntese do que foi mais significativo para eles com relação ao conhecimento



construído ao longo das aulas, e assim, conciliar seus conhecimentos prévios a sua nova bagagem conceitual.

Além disso, percebeu-se que cada um dos sujeitos carrega elementos da vida cotidiana que podem os levar a um conceito de cidade. Nesse sentido o papel da Geografia escolar é o de ampliar a reflexão sobre o conceito, tornando-a mais crítica e a direcionar para a dimensão da prática cotidiana dos sujeitos. Para isso, é importante trabalhar a interescolaridade e a noção espacial de cada um.

Por fim, notou-se a relevância de trabalhar temas como a acessibilidade nas escolas. Ficou claro as contribuições em termos de conscientização desses discentes da importância do respeito ao próximo e do exercício da cidadania. Com isso, corrobora-se com Milton Santos no sentido de que “a cidadania, sem dúvida, se aprende. É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura” (1987, p. 21). Nesse sentido, a educação cidadã é aquela que prepara os alunos para se colocarem no mundo de forma consciente, e uma vez que internalizada ela se torna parte do sujeito.

Referências bibliográficas

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos et al. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**, v. 3, p. 67-100, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: dez. 2017.

CALLAI, Helena C. **A articulação teoria-prática na formação do professor de Geografia**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, p. 143-161, 2006.

CASSOL, Roberto. **Metodologia do ensino de geografia**. 1ed. Santa Maria: USM, Pró-Reitoria de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia, GO: Alternativa, 2002.

_____. **Os conteúdos geográficos no cotidiano da escola e a meta de formação de conceitos.** In: AUBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Orgs.). ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.10, n.19; p. 2014 2490 Formação, pesquisas e práticas docentes. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora LTDA, p. 367-394.2013.

_____. **O ensino crítico de Geografia em escolas públicas do ensino fundamental.** 1991. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) Faculdade de Educação/UFG. Goiânia.

COSTELLA, Roselane Zordan. **Ensinar o quê... Para quê... Quando... Desafios da geografia na contemporaneidade.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina. **Afeto e lugar: a construção de uma experiência afetiva por pessoas com dificuldade de locomoção.** SEMINÁRIO ACESSIBILIDADE NO COTIDIANO, v. 1, 2004.

FEDERAL, Senado. **Constituição da república federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

FEDERAL, Senado. **Estatuto da Cidade.** Guia para implementação pelos municípios e cidadãos. Brasília, 2001.

HARVEY, D. **A liberdade da cidade.** In: MARICATO, E. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomam as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco. MORO, Paulo Rogério. **Geografia e ensino: reflexões sobre a construção do espaço pelos alunos do ensino.** Práticas pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.